



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

A NARRATIVA AMAZÔNICA E COP 30 - ATIVISMO DIGITAL DE MULHERES AMAZÔNIDAS¹

Josy Karla Ferreira Costa Cavalcante² - Universidade Federal do Tocantins

Cynthia Mara Miranda (orientadora) – Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este estudo se propõe a analisar as narrativas midiáticas de mulheres ativistas ambientais amazônidas sobre a COP 30 que será realizada nos dias 10 a 21 de novembro de 2025. Assim a partir da seleção de narrativas midiáticas postadas em perfis de instagram por mulheres ativistas ambientais da Amazônia buscamos compreender a pauta de luta e o engajamento construído a partir das estratégias do midiativismo visando entender como utilizam a mídia para ampliar suas mensagens e mobilizar a sociedade em torno de suas causas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Amazônidas; midiativismo; COP 30.

1 INTRODUÇÃO

A 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, conhecida como COP30, acontecerá em Belém do Pará, entre 10 e 21 de novembro de 2025. Esse evento coloca a Amazônia no foco das discussões internacionais sobre clima e sustentabilidade.

Nesse contexto, torna-se crucial investigar como a região e suas complexidades são percebidas e representadas no espaço online. A inclusão da perspectiva de gênero, nessa direção, é indispensável, visto que mulheres amazônidas — notadamente as indígenas, quilombolas e ribeirinhas — desempenham um papel central na conservação ambiental, na defesa de seus territórios e na construção de alternativas sustentáveis. As mulheres da Amazônia compartilham a experiência comum da desigualdade e violência que as impõe a resistência cotidiana e a organização política como estratégias de sobrevivência para si e seus povos (Miranda, 2023). Contudo, a visibilidade de suas contribuições

1 Trabalho apresentado no GT3 – Redes Sociais e Ativismos Midiáticos da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

2 Josy Karla Ferreira Costa Cavalcante, Mestranda, com bolsa CAPES, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Brasil. E-mail: josykcosta@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -Código de Financiamento 001.

nas grandes coberturas midiáticas frequentemente permanece limitada ou até mesmo invisível, o que as mobiliza para o ativismo digital.

Diante desse cenário, surge a necessidade de lançar um olhar sensível e aprofundado sobre as trajetórias dessas mulheres, que ocupam a linha de frente das lutas ambientais e sociais na Amazônia. O universo digital, especialmente as redes sociais como o Instagram, transforma-se em uma espécie de arena viva, onde vozes antes silenciadas encontram espaço para ecoar suas experiências, ancestralidades e resistências.

Ao explorar os perfis dessas ativistas, torna-se possível perceber que cada postagem carrega não apenas uma reivindicação, mas também um testemunho de pertencimento, coragem e criatividade. A exposição de suas narrativas transcende a simples denúncia: revela afetos, memórias e estratégias coletivas de sobrevivência, tornando visíveis as múltiplas faces do ativismo amazônico feminino.

2 METODOLOGIA

O estudo analisa o ativismo digital de mulheres amazônidas no Instagram focado na COP 30. O objetivo é compreender como essas ativistas usam a plataforma para divulgar suas causas, articular redes e desafiar estruturas de poder tradicionais. A pesquisa adota uma análise qualitativa de perfis específicos, baseada nos pressupostos teóricos do midiativismo, para identificar padrões e a eficácia da comunicação.

A investigação busca capturar a complexidade das práticas comunicacionais dessas mulheres e o impacto de suas vozes na luta por justiça socioambiental, oferecendo uma perspectiva detalhada sobre suas estratégias, desafios e o papel feminino na defesa da Amazônia.

A escolha de ativistas como Helena Gualinga ativista indígena equatoriana (212 mil seguidores no Instagram), Samela Sateré Mawé Indígena, Bióloga, ativista Ambiental (132 mil seguidores) e Jayce Brasil socióloga, afrobetizadora e educadora popular (2928 mil seguidores) reflete um movimento importante na comunicação de causas sociais e ambientais. Essas mulheres, com suas vozes autênticas e experiências de vida, utilizam as redes sociais para ampliar o debate sobre questões urgentes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O midiativismo, segundo a perspectiva de Braighi, Lessa e Câmara (2018), é definido como uma forma de ação coletiva que se apropria das tecnologias digitais para produzir e disseminar informações, mobilizar pessoas e criar redes de solidariedade em torno de pautas sociais, políticas e ambientais. O ativismo digital pode ser compreendido como a prática de utilizar tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet e as redes sociais, para promover causas sociais, políticas ou

ambientais. É a extensão das formas tradicionais de ativismo para o ambiente online, permitindo a mobilização, a conscientização e a articulação de grupos e indivíduos em torno de objetivos comuns. Conforme a perspectiva de Castells (2010), o ambiente digital oferece novas ferramentas para que os cidadãos possam se expressar, formar redes e influenciar a esfera pública, mesmo sem o suporte das instituições tradicionais. Nesse sentido, o ativismo digital não se limita a assinar petições online ou compartilhar conteúdo; ele engloba uma gama de ações, até a disseminação de informações e a construção de narrativas contra hegemônicas. A internet se torna, assim, um espaço crucial para a formação de opiniões e para a ação coletiva, redefinindo as dinâmicas de poder e participação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ativistas Helena Gualinga, Samela Sateré Mawé e Jayce Brasil utilizam suas plataformas para dar voz às lutas por direitos indígenas, ambientais e sociais na Amazônia, cada uma com foco e abordagem distintos.

Helena Gualinga - ativista do povo Sarayaku no Equador e cofundadora do Coletivo de Jovens Indígenas Defensores da Amazônia, utiliza suas redes para denunciar os impactos diretos das mudanças climáticas na região. Ela defende a importância do conhecimento indígena para a conservação e luta pelo reconhecimento dos direitos territoriais de seu povo. Seu ativismo também se concentra em mobilizar a juventude globalmente com uma linguagem acessível e engajadora.

Samela Sateré Mawé - Indígena, Bióloga, ativista Ambiental e comunicadora do povo Sateré Mawé no Amazonas, Samela usa a comunicação como uma ferramenta poderosa. Seu trabalho visa desmistificar a imagem indígena, combatendo estereótipos e preconceitos ao mostrar a diversidade e a contemporaneidade de seu povo. Ela promove o orgulho indígena através da valorização da cultura, compartilhando rituais e conhecimentos tradicionais. Atuando como uma ponte entre as gerações, Samela utiliza formatos digitais para engajar a juventude em movimentos sociais. Na COP 30, sua abordagem provavelmente será sobre a importância da comunicação e da representatividade indígena.

Jayce Brasil - A socióloga e educadora Jayce Brasil Estado foca na interseccionalidade, unindo questões raciais, de gênero e ambientais em seu ativismo. Ela promove a representatividade negra na literatura, especialmente a infantil, para combater o racismo. Jayce usa suas plataformas para discutir o racismo estrutural e a necessidade de uma educação antirracista. Sua militância conecta as lutas ambientais ao feminismo negro, destacando como mulheres negras são desproporcionalmente afetadas pelas desigualdades sociais e ambientais. Na COP 30, ela deve abordar a justiça climática e racial, ressaltando a vulnerabilidade das comunidades negras e indígenas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativismo digital de mulheres amazônidas como Helena Gualinga, Samela Sateré Mawé e Jayce Brasil é fundamental para a construção de narrativas autênticas e plurais sobre a Amazônia. Com a COP 30 em Belém, suas plataformas digitais se tornam ainda mais relevantes para amplificar suas vozes, denunciar injustiças e pressionar por soluções que realmente atendam às necessidades das comunidades locais e do planeta. A análise dessas narrativas, à luz da fundamentação teórica do mediativismo de Braighi, Lessa e Câmara (2018), permite compreender a força desse movimento na luta por justiça socioambiental e na democratização da comunicação.

6 REFERÊNCIAS

- BRAIGHI, A. A.; LESSA, C.; CÂMARA, M. T. (Orgs.). (2018). **Interfaces do Mediativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG.
- CASTELLS, M. (2010). **A ascensão da sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**, Volume 1. Hoboken: John Wiley & Sons.
- MIRANDA, C. M.; BARROSO, M. F. **Mulheres na Amazônia: lutas em defesa de seus corpos-territórios**. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, v. 31, p. 1-12, 2023.